

12 Brasília, sábado, 25 de fevereiro de 1989 CORREIO BRAZILIENSE

Carta de Altamira condena hidrelétrica

EUCLIDES FARIAS
Correspondente

Altamira (PA) — Com uma carta aberta intitulada "Declaração Indígena de Altamira", um compromisso de luta contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte (ex-Kararaó), assumido por parlamentares e uma festa Kalapó — que, explicaram os índios, simboliza a sementeira em busca de uma grande safra de conscientização nacional para as suas aflições — foi encerrado ontem, nesta cidade, o I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, que reuniu desde segunda-feira lideranças de mais de 30 nações do Brasil, Estados Unidos, Canadá e México, além de ecologistas do mundo inteiro.

Sob a presidência do cacique Paulino Palaká, da reserva de Gorotire, dos Kalapó, e com a participação de 700 guerreiros, a solenidade final do encontro foi em grande parte reservada a pronunciamentos de parlamentares que desembarcaram ontem em Altamira. A comissão, formada pelos deputados Thadeu França (PDT-PR), Nelson Friedrich (PSDB-PR), Fábio Feldman (PSDB-SP), Valdir Ganzer (PT-PA) e Benedita da Silva (PT-RJ), divulgou a "Carta dos Parlamentares aos Povos Reunidos".

ARQUIVO



Benedita, pelo desarme.

Benedita propõe luta política

Altamira (PA) — A deputada Benedita da Silva (PT-RJ), defendeu ontem ao participar do I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, o fortalecimento de uma frente parlamentar ampla para atuar no Congresso Nacional em defesa das comunidades indígenas e dos movimentos ecológicos. "A nossa intenção é desarmar o Brasil de idéias ineficazes para que possamos respirar um pouco mais", afirmou, revelando que, no bloco, terão vez os democratas e os defensores da vida.

O principal objetivo da frente é apresentar projetos de lei que garantam a cidadania indígena e a sobrevivência dos movimentos ecológicos comprometidos também com a soberania administrativa brasileira na Amazônia.

A tarefa de arregimentar nomes para a composição mais ampla da frente foi entregue ao deputado Thadeu França (PDT-PR) e, segundo a deputada, as adesões vêm ocorrendo em ritmo satisfatório. O movimento — informou ela — começou nos trabalhos da Constituinte e vem se incorporando em virtude de discussões mais frequentes relativas ao meio ambiente e aos índios.

Em relação ao projeto da Elettronorte de construir a usina hidrelétrica de Belo Monte (ex-Kararaó) no rio Xingu, onde habitam os Kalapó, a parlamentar disse acreditar que pode ser derrubado. Atualmente — explicou — a tendência é a mesma da Assembleia Nacional Constituinte: assegurar o número de votos necessários à garantia da demarcação de terras indígenas e da igualdade de direitos entre aculturados e não aculturados.

comprometendo-se a lutar pela aplicação da Constituição brasileira no tocante ao capítulo indígena.

Beijada nas mãos pela índia Tuira, a mesma que hostilizou o diretor de Planejamento e Engenharia da Elettronorte, José Antônio Muniz Lopes, a deputada negra Benedita da Silva viveu instantes de glória. Sempre interrompida por muitos aplausos, ela condenou a ingerência de firmas internacionais no País e de "muitas empresas que, com nome nacional, são servis ao capital estrangeiro". Dirigindo-se aos índios, exortou-os à resistência, pois "vocês são os grandes ecologistas porque conhecem estas terras muito mais do que nós".

INTERNACIONALIZAÇÃO

Defendeu a inclusão da causa indígena nos programas de presidenciáveis, argumentando ter eles o dever de impedir a cobiça sobre os territórios indígenas. A deputada fez profissão de fé à soberania nacional na região amazônica: "Pode até existir o interesse internacional em tomar a nossa Amazônia, mas nós não vamos deixar", afirmou, levando ao delírio índios e brancos. Assinalou que a ajuda internacional é bem-vinda, mas a região tem de ser dirigida por

brasileiros fiéis aos brasileiros.

Ela encontrou receptividade no auditório até mesmo quando criticou parte da imprensa presente por, segundo observou, produzir material jornalístico seletivo e incompleto do evento. "Isto aqui é decisão política e não folclore", advertiu.

De mãos dadas ao cacique Raoni, dos Txucarramãe, e ao lado do cacique Palaká, Benedita confraternizou demoradamente com a índia Tuira, que foi até à mesa com gestos de carinho negado ao diretor da Elettronorte. A cena provocou êxtase, prolongada pela atitude do cacique Tuto-Pombo: ele retirou seu cocar e o colocou na cabeça da deputada, presenteando-a.

Tachando o Brasil de "país do genocídio", o deputado Nelson Friedrich, por sua vez, recordou que em época anterior à colonização portuguesa a população indígena brasileira totalizava cerca de 5 milhões de pessoas, agora reduzida a 200 mil. Friedrich defendeu também a adoção oficial de um programa de desenvolvimento auto-sustentado para a Amazônia e, antevejo a votação do plano 2.010 da Eletrobrás, no Congresso Nacional, pediu penitência aos políticos: "Cada voto será um pedido de perdão às nações indígenas brasileiras".

JOSEMAR GONCALVES



Cacique Raoni discursa no encerramento do I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu

"O rio é nosso irmão"

Altamira (PA) — O cacique Paulino Palaká distribuiu, ao final do I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, cópias da "Declaração Indígena de Altamira", elaborada por lideranças de todas as tribos reunidas. A carta afirma que as terras indígenas servem de morada aos antepassados e faz uma advertência ao Governo Federal. A íntegra é esta:

"As nações indígenas do Xingu, junto com parentes de muitas regiões do Brasil e do mundo afirmam que é preciso respeitar a nossa mãe natureza. Aconselhamos não destruírem as florestas, os rios, que são nossos irmãos. Decidimos que não queremos a construção das

barragens no Rio Xingu e em outros rios da Amazônia, pois ameaçam as nações indígenas e os ribeirinhos.

Durante muito tempo o homem branco agrediu nosso pensamento e o espírito dos nossos antigos. Agora deve parar. Nossos territórios são os sítios sagrados de nosso povo, morada do nosso Criador, que não podem ser violados.

Neste encontro dos povos indígenas do Xingu decidimos vigiar as ações do Governo para impedir mais destruição, juntar forças com o Congresso Nacional e com o povo brasileiro para juntos protegermos essa importante região do mundo, nossos territórios".

Raoni já fala em guerra

Altamira (PA) — O cacique Raoni, da aldeia Txucarramãe, disse que fará guerra contra Sarney se a hidrelétrica de Kararaó for construída. Irritado com a insistência do homem branco em cobrir terras indígenas com água represada pela barragem de Altamira, Raoni alertou para os riscos que se corre quando o índio é provocado.

"É muito perigoso homem branco mexer com meu povo. Eu junto todo o meu povo e vou contra o branco em pé para briga. Se o chefe do branco, que se chama Sarney, continuar com plano para barragem, eu vou fazer guerra contra ele", disse Raoni na língua Kalapó, tendo o cacique Palaká como tradutor.

O líder Txucarramãe disse que não estava lutando sozinho contra a hidrelétrica de Kararaó. Ele está acompanhado de todos os seus irmãos que não querem ver sua cultura destruída com inundações na Amazônia. Raoni afirmou que seu povo já entregou ao branco o Rio de Janeiro, e agora não quer ceder ainda mais o seu espaço no meio da floresta.

Raoni e Palaká foram os grandes líderes do encontro de Altamira. Enquanto Palaká mantinha a organização da manifestação, Raoni se misturava entre os demais caciques de várias nações indígenas e discutia suas afinidades em longos susurros.

Alemães se solidarizam

Altamira (PA) — Grupos de ecologistas alemães, liderados pelo Regenwalder Zentrum (Centro de Preservação da Floresta Tropical), bloquearam com tratores e outras máquinas pesadas, ontem, as portas do Deutsche Bank, instalado no centro da cidade de Frankfurt, exigindo da instituição financeira, que comanda um consórcio de 16 bancos europeus, a suspensão da remessa de 420 milhões de dólares à Carteira de Crédito do Banco Mundial (Bird). A notícia da manifestação nas ruas de Frankfurt foi transmitida por telefone para Altamira e recebida pelo cacique Paulino Palaká. Uma militante do Regenwalder Zentrum disse que o protesto era um ato de solidariedade ao I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu.

O temor dos ecologistas, segundo um jornalista alemão que também falou com a infor-

mante, é de que o Banco Mundial use os 420 milhões de dólares em financiamentos de projetos energéticos de países desinteressados no impacto ambiental. Acrescentou que os ecologistas à porta do Deutsche Bank exigiram — e obtiveram — o congelamento da remessa até que o Bird reveja tais projetos e informe o grau de comprometimento ambiental nas nações candidatas aos empréstimos.

O líder dos Kalapó agradeceu o apoio e informou à entidade ambientalista alemã que o pedido de financiamento formulado pelo Governo brasileiro, junto ao Bird, é para fazer barragem, e acabar com a Amazônia e com os índios. A interlocutora do cacique disse ainda que o Deutsche, cedendo às pressões, comunicou imediatamente à diretoria do Banco Mundial e cobrou detalhes para satisfazer aos manifestantes.